Fichte, Schiller, intuição e um problema: é possível realmente separar as influências estruturais do sistema filosófico de Fichte da estrutura das *Cartas A Educação Estética do Homem* em Schiller?

Theofilo Moreira Barreto de Oliveira

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ref/519>

DOI: 10.4000/ref.519

ISSN: 2258-014X

Editora

EuroPhilosophie Editions

Refêrencia eletrónica

Theofilo Moreira Barreto de Oliveira, « Fichte, Schiller, intuição e um problema: é possível realmente separar as influências estruturais do sistema filosófico de Fichte da estrutura das *Cartas A Educação Estética do Homem* em Schiller? », *Revista de Estud(i)os sobre Fichte* [Online], 8 | 2014, posto online no dia 21 setembro 2014, consultado o 08 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ref/519> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ref.519>

Este documento foi criado de forma automática no dia 8 setembro 2020.

© EuroPhilosophie

Fichte, Schiller, intuição e um problema: é possível realmente separar as influências estruturais do sistema filosófico de Fichte da estrutura das *Cartas A Educação Estética do Homem* em Schiller?

Theofilo Moreira Barreto de Oliveira

NOTA DO AUTOR

As traduções dos textos originais foram feitas de forma livre e com o auxílio de outras traduções nas línguas espanhola, portuguesa do Brasil e de Portugal. Todavia, prezaremos pela nomenclatura do original em alemão, acompanhado pelas suas páginas no original e com suas páginas no português após a paginação do original, quando forem necessárias.

- 1 O presente trabalho tem como objetivo repensar o problema das influências teóricas entre os filósofos Fichte (FDC,1794) (WL, 1801) e Schiller (SbS16, 2009),¹ de modo que, possamos saber melhor como se dá a questão da *intuição* nos escritos filosóficos de ambos, como também, verificar a necessidade e a possibilidade de identificarmos quem efetivamente influenciou quem, no desenvolvimento dos seus trabalhos.
- 2 Por que pensar o problema da mútua influência entre eles? E qual é a repercussão que este problema tem no conceito de intuição dos dois?
 - Primeiramente, porque os dois pensadores, através de seus escritos filosóficos, apontam uma proposta de fundamentação de toda uma estrutura do pensar, e que de fato, para a

concepção desta estrutura, podemos pressupor que, ambos partiram de alguma forma da intuição²;

- Em um segundo momento, porque os resultados das pesquisas de ambos os teóricos ampliam o nosso saber sobre o problema do conhecimento e de como este se dá para o homem;
 - Em um terceiro momento, as investigações destes dois autores desembocam num questionamento fundamental para a Filosofia, que é a busca de um entendimento mais apurado sobre qual é a finalidade do homem, elevando assim as suas investigações para o cunho reflexivo e metafísico do ser;
 - E por fim, como cada um entenderá o conceito de *intuição*, como fonte integradora de toda a estrutura do pensar desenvolvido por eles.
- 3 Assim, se faz mais que mister voltarmos nossa reflexão mais uma vez para a relação destes dois autores, só que dessa vez, buscando esclarecer o quê cada um entende por *intuição*.
- 4 Todavia, e aqui se inicia o principal nó reflexivo que há entre eles dois: será possível mostrar as marcas e as influências³ que cada um tem em seus trabalhos, no que diz respeito ao desenvolvimento do conceito de intuição? É possível, como afirma Acosta, separá-los em duas perspectivas filosóficas distintas,⁴ ou não? Quem influenciou quem em seus escritos filosóficos definitivamente? Será possível informar como cada um se apropriou das influências de seus textos, conferindo assim as famosas réplicas e trélicas mútuas?
- 5 É sabido, que no desenvolvimento dos escritos filosóficos de cada um, que ambos partiram de um único e mesmo fundamento para estruturar suas teorias. Os dois, partiram dos estudos que fizeram sobre os escritos de Kant. Esta herança kantiana é de fundamental importância para o entendimento e o desdobramento do problema da intuição, já que, como cada autor irá “tentar”⁵ se libertar e superar a estrutura da qual Kant apresenta em seus escritos se faz necessário sabermos, neste primeiro momento, o que é *intuição* para cada um dos três.
- 6 Conforme Kant define já no início da sua Estética Transcendental, na *Crítica da Razão Pura*, intuição seria:
- Qualquer que seja o modo de como um conhecimento possa relacionar-se com os objetos, aquele em que essa relação é imediata e que serve de meio a todo pensamento, chama-se intuição [*Anschauung*].⁶
- 7 Ou seja, a definição que Kant apresenta refere-se imediatamente a objetos por meio da *representação* que temos destes mesmos objetos. Mas para que esta representação não se torne uma representação vazia é importante entendermos também que, toda representação deve estar imbuída de um conceito, senão, do contrário, ela seria somente uma representação nula e não conseguiria passar efetivamente o que o objeto é. Todavia, devemos fazer um pequeno adendo aqui. Para que possamos entender como a representação se dá na *Crítica da Razão Pura* é necessário frisar e ver que há um pequeno erro de entendimento do próprio Kant a respeito do que ele entende por intuição, nos levando a ter um cuidado e uma atenção maior na exposição do próprio conceito, como foi apresentado por Paulo Roberto Licht dos Santos, em seu texto *A unidade da intuição e a unidade da síntese*.⁷
- 8 Como o escopo da nossa investigação não seguirá o mesmo caminho denominado por Paulo dos Santos, nos certificaremos que: a) há ainda um problema⁸ na definição propriamente dita de *intuição* apresentada por Kant, principalmente pelos problemas internos na estrutura dos seus próprios escritos⁹; b) este problema será fonte principal

para os seus críticos e estudiosos debaterem; c) na melhor das hipóteses, por enquanto, adotaremos o conceito kantiano de intuição: “intuição são as representações dos objetos que apreendemos da realidade” de acordo com a sua Estética Transcendental. Assim, partindo deste pressuposto sigamos de acordo com o entendimento do que seria para Fichte, intuição.

* * *

- 9 Segundo Fichte entendemos por intuição: a intuição intelectual, a visão que o sujeito tem de si mesmo, durante a execução de um ato (ação) que é preferido por ele durante o surgimento do Eu.¹⁰ Ou seja, é a maneira como o Eu tem de se reconhecer, mediante si próprio, através de uma ação reflexiva sobre ele próprio, internamente, de modo que haja um reconhecimento necessário dele mesmo. Não é preciso ou não é necessário que as representações do mundo afetem o Eu do sujeito para que ele possa compreender o mundo. Basta que ele aja, por *meio-da-ação-de-fato*, durante o seu próprio reconhecimento que ele poderá determinar este conhecimento, ou seja, esta intuição. “A intuição acontece quando o Eu finito alcançou a mais alta abstração e só atende a seu próprio agir enquanto pensamento.”¹¹

- 10 Desse modo, Fichte inicia seu principal objetivo enquanto filósofo e para com a própria Filosofia, o de *expor a verdade*. Pois como assevera Christoph Asmuth:

A tese de Fichte reza: a verdade só pode ser encontrada na unidade e imutabilidade absoluta da perspectiva [*Ansicht*]. «Perspectiva» significa, aqui, que alguma coisa é verdadeira, se é reconhecida sempre da mesma maneira como idêntica. Ou, negativamente: aquilo que é reconhecido de maneiras diferentes e como diferente não pode jamais reivindicar verdade, tão-pouco quanto o contingente em sentido próprio, aquilo que pode ou não ser. Tudo isto cai sob o conceito do mutável e do não-idêntico. Mas mesmo o acrescento da perspectiva adiciona, para Fichte, à absoluta unidade, algo de segundo e, assim, de não-uno. Pois o conhecimento de algo, conhecimento em que a verdade deve então consistir, divide-se na dualidade entre o conhecimento e o algo que é conhecido. Por isso, o acrescento da perspectiva tem de ser eliminado. A argumentação de Fichte dirige-se assim contra a teoria, que remonta a Aristóteles, de que a verdade consiste numa concordância do conhecimento com o seu objecto. Fichte acentua: *a verdade só é possível na absoluta unidade, na unidade absoluta que é, simultaneamente, a unidade do conhecimento e da coisa*.¹²

- 11 Assim, a verdade só poder ser alcançada por meio da intuição intelectual, que não deixa de certo modo, de ser uma intuição.

* * *

- 12 Todavia segundo Schiller, a intuição se apresenta de maneira completamente distinta, o que fará com que o seu desdobramento teórico seja controverso ao do Fichte, pontuando a cisão entre os dois pensadores.
- 13 Para Schiller, a intuição é intuição estética, apresentada em sua obra *A Educação Estética do Homem* (SbS16, 2009), no momento em que o homem conseguisse unir Razão e Sensibilidade, elevando-o a um patamar de unidade dual, da qual é consciente de sua liberdade e a executasse adequadamente de forma livre, fomentando assim a fruição do impulso lúdico, tendo toda a consciência da matéria unida ao espírito simultaneamente. Ou seja, haveria um equilíbrio entre os usos racionais e emocionais dos atos do homem,

possibilitando assim a sua máxima existência, que seria uma existência livre e consciente. Cito Acosta:

O homem que busca conhecer-se enquanto tal, e não somente enquanto pessoa, deve, segundo Schiller, abstrair da experiência para chegar à dualidade originária, que lhe indica que, tudo aquilo que foi intuído deve ser uma ideia expressada num símbolo, para, desse modo, reconhecer na obra de arte o símbolo da ideia da humanidade. Esta intuição acontece quando o homem alcançou o estado estético (*ästhetischer Zustand*), que consiste num estado de determinabilidade “que não tem barreiras, pois reúne toda a realidade” (SW V, 634, c. 21a). Esta determinabilidade, em oposição a determinabilidade vazia, que se alcança quando o homem desenvolveu plenamente seus dois lados, é um estado livre onde ele pode voltar a dispor de todas as suas capacidades. Indica, ao mesmo tempo, o momento em que o homem se encontra consigo mesmo e, portanto, o final do caminho proposto por Schiller nas Cartas Estéticas.¹³

- 14 Assim, da mesma forma como Fichte o faz em seu sistema filosófico, a intuição é de fundamental importância para Schiller, pois, como ele mesmo informa, já no início de suas Cartas *A Educação Estética do Homem*, ele já pressupõe o final do percurso, ou seja, o êxito de seu caminho, por intuir já este processo. Quando Schiller intui este processo na declaração da Carta II “a arte é filha da liberdade”¹⁴ ele já tem um conhecimento de algo, que não foi lhe dado previamente, mas sim, porque ele atingiu, em nível de reflexão¹⁵, o que ele mesmo irá propor em todo o desenvolvimento das Cartas. Neste ponto, faremos um pequeno adendo sobre a querela existente entre Fichte e Schiller. Há uma notação feita pelo tradutor da edição brasileira do tratado do poeta, referente a uma afirmação que Schiller faz na Carta II. Reproduzirei aqui a nota. “Esta frase, como ressaltam frequentemente os comentadores, parece estar em condição com muitas outras passagens do texto. Compare-se, a título de exemplo, o trecho dessa mesma Carta II, onde se diz respeito que “é pela beleza que se vai à liberdade”. O círculo que envolve a estética e a ética (ou política) nas Cartas foi desde logo assinalado por Fichte em seu ensaio (*üGB*) (que, para preservar o tom paródico-polêmico, poder-se-ia verter assim: *O espírito e a Letra na Filosofia. Numa série de Cartas*), recusado por Schiller para a publicação na sua *Horen*: “As épocas e regiões da servidão são, portanto, ao mesmo tempo as da falta de gosto; e, se por um lado não é aconselhável deixar os homens livres antes que seu sentido estético esteja desenvolvido, por outro é impossível desenvolvê-lo antes que sejam livres; e a ideia de elevar os homens à dignidade da liberdade e, com ela, à liberdade mesma, mediante educação estética põe-nos num círculo, se antes não encontrarmos um meio de despertar em indivíduos da grande massa a coragem de não serem nem senhores nem escravos de ninguém”¹⁶. A ascensão dele a este conhecimento será definida como *intuição estética*. Todavia, como ele ainda estava em procedimento de elaboração dos seus escritos, e já havia tido contato com os trabalhos de Reinhold e Fichte, este último, em específico, *Sobre a vivificação e elevação do interesse pela Verdade*¹⁷, por mais que ele não admita publicamente, há uma “marca” nítida das influências dos dois em seus trabalhos, principalmente pelos os dois autores estarem trilhando o mesmo caminho, herança dos escritos kantianos, com a diferença de tempos distintos. Nesse ponto, Fichte estava um pouco mais adiantado do que Schiller, pois o poeta, ainda estava em processo no desenvolvimento de suas Cartas, enquanto Fichte já estava com o trabalho pronto, principalmente quando este lhe envia o texto de “estética”¹⁸ *O espírito da Letra*.¹⁹

- 15 Um outro fator determinante para seguirmos adiante na questão da intuição é a sua definição de como a Natureza procede, pois somente por meio de uma representação da

realidade é que ele pôde intuir como a Natureza procede, como ele nos relata na sua *Carta III*.

A Natureza não trata melhor o homem que suas demais obras: age em seu lugar onde ele ainda não pode agir por si mesmo como inteligência livre. O que o faz homem, porém, é justamente não se bastar com o que dele a natureza fez, mas ser capaz de refazer regressivamente com razão os passos que ela antecipou nele, de transformar a obra da privação em obra de sua livre escolha e de elevar a necessidade física à necessidade moral.²⁰

- 16 Ou seja, este tipo de acesso ao saber provém da intuição. No entanto, aqui há uma pequena diferença. Será necessário passar pela mediação racional o entendimento do que de fato é o conhecimento. E aqui chegamos em outro ponto nevrálgico a respeito da *intuição*. Se em Schiller, minhas intuições são intuições estéticas, mediadas pelo impulso lúdico, se para Fichte a intuição intelectual é a própria atividade do Eu enquanto *ação-reflexiva* de intuir a si mesmo, e para Kant o conceito de intuição é uma representação da realidade mediada por um conceito racionalizado, estes três posicionamentos ainda não me informam como a intuição se dá para/no homem, pois no primeiro caso o *impulso lúdico* na qual o homem alcançará a liberdade plena se dará no momento em que simultaneamente razão e sensibilidade agirão. Isto não parece mais uma idealização do que a possibilidade de realização? Ou seja, será ainda uma representação? Da mesma forma questionamos Fichte, pois figurativamente ao intuir o Eu, sendo pela possibilidade da identidade ou da não identidade, o não-Eu, ainda estaríamos dando a nossa consciência a representação deste mesmo Eu ou não-Eu pela nossa própria consciência, através da mediação da linguagem pela racionalidade, voltando assim a definição propriamente kantiana de representação. Dessa maneira, se temos o conhecimento da intuição, em suas variações, ainda não sabemos efetivamente como elas aparecem para nós, ou seja, não sabemos como *percebê-las*. E mais, se não conseguimos percebê-las efetivamente, há ainda um outro problema, que é o da linguagem, pois após percebê-las é necessário que saibamos como expressar tal conhecimento, chegando a uma discussão propriamente da Filosofia da Linguagem.
- 17 Assim, a que considerações finais podemos chegar preliminarmente?
- Primeiramente que a discussão entre quem influenciou quem, só serve para nortear quem foram os autores que iniciaram a questão da intuição, neste momento histórico do pensamento, e de quais foram as conclusões que eles chegaram;
 - Em segundo lugar, que é impossível separá-los já que ambos partiram da noção kantiana de *intuição*, mesmo que cada um tenha seguido por um caminho distinto. Só podemos pontuar o que cada um fez de distinto;
 - Em terceiro lugar, se este debate cai nas tramas da Filosofia da Linguagem é necessário apontar qual o caminho que se deva seguir, pois o problema será o da *intencionalidade* da ação. Ou seja, antes que toda a ação, voluntária ou involuntária, se manifeste, há uma *intenção* por trás de cada ação. Se a intuição é a representação dada pela realidade, por meio da ação do pensamento, como será que se procede a *intenção da intuição*? Indico aqui as pesquisas de John R. Searle, em específico, seu livro *Intencionalidade*²¹;
 - Em quarto e último lugar, de maneira radical ou até mesmo esdrúxula, penso ser importante nos alinharmos com os conhecimentos tecnológicos que ocorrem atualmente, pois ainda não temos tecnologia suficiente e nem somos conscientes o suficiente para sabermos das ações de nossas sinapses nervosas. Ou seja, precisamos também dos conhecimentos da Neurologia, Neurociência, Fisiologia, Química, Biologia e Física Quântica, como suportes as nossas pesquisas, porque até mesmo os pensadores que estudamos, principalmente os filósofos,

conheciam e se apropriavam dos desenvolvimentos científicos de suas épocas.²² Dos pré-socráticos aos pensadores contemporâneos, todos fomentavam suas revoluções e as restaurações teóricas, sempre quando estes, com ou sem atritos pessoais, com ou sem limitações, se interessavam em interdisciplinarizar o Conhecimento. Do contrário, se continuarmos fechados, ouviremos sempre de modo anedótico o que Isaac Asimov entende e define por intuição: “intuição é a arte inerente a mente humana de descobrir a resposta certa a partir de informações incompletas, ou mesmo parcialmente falsas”.²³

Referências bibliográficas

- 18 ACOSTA, E., (2011a) *Schiller versus Fichte. Schillers Begriff der Person in der Zeit und Fichtes Kategorie der Wechselbestimmung in Widerstreit*. Amsterdam/New York: Rodopi.
- 19 - - - - (2011b) “Acerca da relação entre Schiller e Fichte”, *AGORA FILOSOFICA*, 11/2, 67-99. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/agora/article/download/222/223+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=ubuntu> (acesso em: 05.ago. 2013)
- 20 ARISTÓTELES, (2012) *De anima*. Trad. Maria Cecilia Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34.
- 21 ASIMOV, I., (1993) *Crônicas da Fundação*. Trad. Ronaldo Sérgio de Biasi. Rio de Janeiro: Record.
- 22 ASMUTH, CH., (2000) *Anfang und Form der Philosophie: Überlegungen zu Fichte, Schelling und Hegel*, in: ASMUTH, CH., DENKER, A. & VATER, M. (eds.) *Zwischen Fichte und Hegel/Between Fichte and Hegel*. Amsterdam/Philadelphia: B. R. Grüner.
- 23 ASMUTH, C., (1998) “Começo e forma da Filosofia: reflexões sobre Fichte, Schelling e Hegel”, *REVISTA FILOSÓFICA DE COIMBRA* 13, 55-70. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/comeco_e_forma_da_filosofia (acesso em 08.ago.2013)
- 24 BOHR, N., (1995) *Física atômica e conhecimento humano: ensaios 1932-1957*. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.
- 25 CECCHINATO, G. (2008) *Fichte und das Problem einer Ästhetik*. Würzburg: Ergon-Verlag.
- 26 FICHTE, J. G. (1973) *Doutrina da Ciência e o Saber Absoluto*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril S.A. (Os Pensadores)
- 27 FICHTE, J. G. (2005) *Fundamento de toda la Doctrina de la Ciencia 1794*. Trad. Juan Cruz Cruz. Pamplona.
- 28 FICHTE, J. G. (2008) *Sobre la vivificación y elevación del interés puro de la Verdad*. Trad. E. Acosta. *BOLETÍN DE ESTÉTICA* 4, 5-16. Disponível em: <http://www.boletindeestetica.com.ar/boletines/Boletin.Estetica.4.pdf> (acesso em: 05.nov. 2013).
- 29 FRAASSEN, B. C. (2007) *A imagem científica*. Trad. L. H. de Araújo Dutra. São Paulo: Editora UNESP: Discurso Editorial.
- 30 GAUDIO, M., (2008) “El espíritu por la letra: reflexiones sobre la estética em J. G. Fichte”, *BOLETÍN DE ESTÉTICA* 4, 19-38. Disponível em: <http://www.boletindeestetica.com.ar/boletines/Boletin.Estetica.4.pdf> (acesso em: 05.nov.2013).
- 31 KANT, I. (1853) *Kritik der reinen Vernunft*. Leipzig: Voss.

- 32 KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. J. Rodrigues Merege. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2246 (acesso em: 28.08.2013).
- 33 KANT, I. (2007) *La declaración pública de Kant contra Fichte*. Trad. F. Moledo, *IDEAS Y VALORES*, 56/133. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-00622007000100008&script=sci_arttext (acesso em: 05.nov.2013).
- 34 HEISENBERG, W., (1959) *Física y Filosofía*. Trad. F. de Tezanos Pinto. Buenos Aires: Ediciones la Isla.
- 35 REINHOLD, K. (2005) *Letters on the Kantian Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 36 SANTOS, L. R. (2002) “O espírito da letra: sobre o conflito entre Fichte e Schiller a respeito da linguagem da Filosofia e da Natureza do Estético”, *PHILOSOPHICA* 19/20, 87-114. Disponível em: http://www.centrodefilosofia.com/uploads/pdfs/philosophica/19_20/7.pdf (acesso em: 01.nov.2013).
- 37 SANTOS, P. R. L., (2012) “A unidade da intuição e a unidade da síntese”, en: KLEIN, J. TH. (org.) *Comentários às obras de Kant [Crítica da Razão Pura]*, Florianópolis: NEFIPO, 145-178.
- 38 SEARLE, J. R. (1995) *Intencionalidade*. Trad. J. Fischer & T. Rosa Bueno, São Paulo: Martins Fontes.
- 39 SCHILLER, F. (2009) *Über die ästhetischer Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefen*. Frankfurt/Berlin: Surhkamp Verlag.
- 40 SCHILLER, F. (2002) *A educação estética do homem: numa série de cartas*. 4º ed., trad. R. Schwarz & M. Suzuki, São Paulo: Iluminuras.
- 41 SPENCER, L. S.; IKUKO, L. S., BRANCO, T.; HÄUSSER, M.. (2013), “Dendritic spikes enhance stimulus selectivity in cortical neurons in vivo”, *NATURE* 503, 115-120/ Disponível em: <http://www.nature.com/nature/journal/v503/n7474/full/nature12600.html#affil-auth> (acesso em: 31.out.2013).

NOTAS

1. As citações da obra de Friedrich Schiller, *A educação estética do homem: numa série de cartas*, acompanharão o seu texto original em alemão, sendo primeiro a marcação do original e em seguida de sua tradução para o português do Brasil. Para nomenclatura do texto alemão, utilizaremos a sigla SbS16. A versão em português do Brasil será referenciada somente pelo número da página.

2. Neste ponto ponto, utilizarei os seguintes argumentos: a) Fichte intui o Eu e chega a conclusão de que não necessitamos do mundo para conhecê-lo e sim do contrário, necessitamos do próprio Eu, da própria consciência para podermos conhecer o mundo. Assim, ele chega a sua primeira determinação metafísica e intuitiva, o Eu intui o Eu, e dá início a sua doutrina da ciência. Por outro lado Schiller, nas suas *Cartas da Educação Estética* intui o impulso lúdico, mediação necessária para o desenvolvimento da sua Intuição Estética, pressupondo já o fim de todo o processo de liberdade do homem, através desse fruição abstrata. Contudo, é importante já marcar

aqui, que os estudos do impulso lúdico do qual Schiller desenvolve em seus trabalhos, são influências dos estudos que ele fez de Reinhold. (ACOSTA 2011b: 97, n. 52)

3. Não nos manteremos diretamente no mérito do debate acirrado que houve entre os dois pensadores intitulado *Horenstreit*, mas nos recorreremos dele somente em determinados momentos pontuais. Maiores informações, ver: SANTOS 2002.

4. ACOSTA 2011a.

5. O levantamento do presente questionamento, ou melhor, da presente dúvida nossa, é saber se ambos realmente se libertaram dos pressupostos kantianos sobre o problema da intuição. A presente dúvida se dá pelo fato de que nem Fichte e nem Schiller estruturam adequadamente e com bases sólidas, uma definição de intuição que não tenham como base a intuição kantiana. Os dois ainda utilizam a representação como intuição. É lógico, que cada um chamará e dará uma outra contextualização sobre a questão da intuição. Fichte elevará o conceito de intuição para Intuição Intelectual, mostrando seu momento de ruptura com o seu mestre, mas ainda assim com um toque kantiano ao seu sistema, e do qual, despertará futuramente em Kant, a mais completa reprovação, frente aos pressupostos fichteanos por um lado. (KANT 2007) Enquanto por outro lado, Schiller chamará a intuição de Intuição Estética, que culminará no desenvolvimento de uma relação dual entre infinitude e finitude, mediado por um terceiro elemento, que o autor chamará de impulso lúdico *Spieltrieb*. (ACOSTA 2011a e 2011b)

6. KrV B 33, *Crítica da Razão Pura*, 15.

7. SANTOS 2012.

8. Essa investigação, nos remeterá obrigatoriamente ao texto de Kant, *Dissertação de 1770*.

9. SANTOS 2012: 146.

10. Neste ponto, Kant discorda completamente da teoria de Fichte. KANT 2007.

11. ACOSTA 2011b: 86.

12. ASMUTH 2000: 405-406. Grifo nosso. Penso ser realmente difícil sustentar que a teoria de Fichte consiga ir totalmente de contra a teoria de Aristóteles, principalmente no quesito da não necessidade do entendimento do mundo sem ir ao mundo. Em específico, quando Aristóteles trata da questão do entendimento na sua obra *De anima*, Livro Beta.

13. ACOSTA 2011b: 87.

14. SbS16, 12/trad. port. 21.

15. É importante frisar que Schiller já no início de suas Cartas alude a sua herança kantiana, mas tem o objetivo de superá-la. Todavia ele também tem ao mesmo tempo contato com os escritos de Fichte.

16. Ver SCHILLER 2002: 144-145. E mais, na mesma Carta II, quando Schiller afirma “a arte é filha da liberdade”, quer queira, quer não, está mais do que posto que o autor obteve alguma influência do texto de Fichte para desenvolver seu tratado. Como ele poderia partir com tanta certeza, expressa por esta frase, sem ter partido de uma intuição, a nosso ver, uma intuição intelectual, que a arte é filha da liberdade? Até o presente momento do texto, Schiller ainda desejava romper com sua herança kantiana e ainda não o tinha feito por sua própria reflexão. Assim, nos parece que ao recusar o trabalho de Fichte, o posicionamento de Schiller corrobora duas coisas: a primeira é que ele

talvez não quis publicar os trabalhos de Fichte por estar já “atrasado” na sua reflexão, pois Fichte já teria pensando primeiro uma saída do posicionamento kantiano, ou seja, disputa meramente de vaidades acadêmicas; a segunda é que, como ele ainda não havia conseguido “romper” a herança kantiana, como Fichte o fez, e para não dar crédito ao pensador da *Doutrina da Ciência*, recusou o seu trabalho. Esta hipótese só nos conduz mais adiante, na medida em que os dois teóricos estão mais ligados ainda do que nunca. Sem falar também que, na nota 10, da mesma tradução para o português há uma informação bastante precisa, de que, enquanto Schiller estava desenvolvendo seu tratado de estética, ele dava o crédito do posicionamento de se retomar a natureza pela razão, à J. J. Rousseau. SCHILLER 2002: 145. Acaso ou mera coincidência?

17. GA I/3, 83-90 (*Über Belebung und Erhöhung des reinen Interesse für Wahrheit*, 1795), trad. espanhola Fichte 2008.

18. Há todo um debate controverso sobre o fato de Fichte ter escrito ou não um tratado sobre Estética, pertencente ao seu sistema filosófico. Ver CECCHINATO 2008.

19. GAUDIO 2008 y SANTOS 2002: 01.

20. Sbs16 13/trad. port. 23

21. SEARLE 1995.

22. Recentemente cientistas conseguiram medir a potência elétrica que existe no axônio. (SMITH; SMITH; BRANCO & HÄUSSER 2013) Além de descobrir essas transmissões de potências elétricas, eles também descobriram que nessas transmissões há computação de informações, talvez, em níveis quânticos. O que isso quer dizer? Que é necessário entendermos mais como o nosso cérebro funciona, para que possamos unir tais conhecimentos com os conhecimentos filosóficos dos pensadores. Neste ponto, recomendo, de maneira complementar, vermos três autores de maneira interdisciplinar, para ampliarmos nosso entendimento sobre o problema da intuição. Primeiro, o livro de Werner HEISENBERG, *Física e Filosofia*; segundo, o livro de Niels BOHR, *Física atômica e conhecimento humano*; terceiro; o livro de Bas C. VAN FRAASSEN, *A imagem científica*. (ver Bibliografia)

23. ASIMOV 1993: 68.

RESUMOS

This paper aims at broadening the debate on the issue of the influence of the philosophical writings of Fichte on the writings of Schiller. Our proposed hypothesis is based on three questions: a) how is it possible Schiller's aesthetic education proposal without an intellectual framework based on *intellectual intuition*?; b) if Nature has provided all existence in the same way and even determined that man was neither more nor less than the other beings, how can (s)he access this knowledge unless by some kind of intuition?; c) is it actually possible to separate the writings of Schiller from the influence of Fichte's philosophy? Thus, based on these questions, would not Schiller's statement: "*for art is the daughter of freedom, and it requires its prescriptions and rules to be furnished by the necessity of spirits and not by that of matter*", be a/the theoretical

foundation granted by the Fichtean philosophy? In the development of this investigative process, would it not be necessary to revisit what both thinkers present as *intuition*?

ÍNDICE

Keywords: intuition, Fichte, Schiller, art, neurosciences

AUTOR

THEOFILO MOREIRA BARRETO DE OLIVEIRA

Universidade Federal da Paraíba